

VELOSO, S. R. A. A constituição do *ethos* discursivo em gênero entrevista. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

## A CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* DISCURSIVO EM GÊNERO ENTREVISTA

Simone Ribeiro de Ávila VELOSO (Universidade de São Paulo)

*ABSTRACT: This paper intends to analyse the scientific vulgarization discourse through interviews published by Veja's. It will be considered the concept of ethos by Dominique Maingueneau. The objective is to understand the social representations articulated by the journalist area and by the interview genre.*

*KEYWORDS: Discourse Analysis; Journalism; style; discourse.*

### 0. Introdução

Este trabalho se propõe a investigar o modo de realização do discurso de divulgação científica, entendendo este como uma forma de transmissão do saber científico fora do âmbito estritamente científico, ou seja, voltado para o público leigo. Em especial, optamos por considerar os modos de presença do sujeito enunciador através de seu *ethos*.

Ducrot (1987), ao estabelecer a distinção entre locutor  $\lambda$  e locutor L, atribui, ao primeiro, a condição de ser no mundo e, ao segundo, a de elemento criado *no* e *pelo* discurso. Maingueneau (1987/1997) relaciona o *ethos* ao locutor L, presente mesmo em *corpus* escrito, através de um *tom*, ou seja, uma vocalidade específica que permite relacioná-lo a uma fonte enunciativa (Maingueneau, 2005). Segundo este autor, além desta dimensão vocal, os caracteres oratórios do enunciador também seriam constituídos por um conjunto de determinações físicas e psíquicas geradoras de um *fiador*, imagem que o leitor constrói com base em indícios textuais. Investido de caráter (traços psicológicos) e corporalidade (compleição corporal), o fiador se apoiaria em representações sociais e estereótipos culturais.

Para análise de entrevistas publicadas pela revista *Veja*, consideramos a presença de dois *ethos*: um do jornalista e, outro, do cientista entrevistado. É importante considerar as coerções próprias do campo jornalístico *no* e *pelo qual* o discurso se realiza. Entendemos *campo* como sinônimo de esfera única da relação social organizada

VELOSO, S. R. de Á. A constituição do *ethos* discursivo em gênero entrevista. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

(Bakhtin/Volochinov, 2004: 70). Outra importante noção presente é de *gênero discursivo*, entendido como tipo de enunciado estilístico, temático e composicional, relativamente estável ( Bakhtin, 2003).

Justificamos a escolha do *ethos* como categoria para descrever tais entrevistas por considerarmos importante a identificação de determinadas representações sociais, construídas *no* e *pelo* discurso, em um campo que vislumbra a presença de um leitor não especialista.

#### 1. *Corpus* maximal, delimitado e elaborado

Consideraremos, primeiramente, noções relacionadas aos três níveis de formação definidas por Maingueneau (1997): o *corpus maximal*, constituído por um agrupamento de enunciados pertencentes a um mesmo gênero discursivo; o *corpus delimitado*, configurado a partir de uma circunscrição do *corpus maximal* em função dos objetivos de pesquisa; e, por último, o *corpus elaborado*, formado a partir das hipóteses de trabalho, e que define um conjunto de enunciados organizados a partir de alguma categoria lingüística.

A temática observada aqui destaca o discurso de divulgação científica veiculado em entrevistas publicadas no seguinte período: entre maio de 2000 e maio de 2004. A escolha deste período visa estabelecer um recorte sincrônico de fatos científicos mais recorrentes e que ganharam repercussão no início de nossa década, dentro e pelo referido suporte. Trata-se de 49 entrevistas realizadas com cientistas, de um total de 209 publicadas no mesmo período, o que equivale a 20% deste total geral de publicações.

Das 11 entrevistas que compõem o *corpus* delimitado, selecionamos três para análise de algumas categorias :

<b>Áreas científicas</b>	<b>Entrevista selecionada</b>
Economia	<i>O Consenso de Washington falhou</i> (06/11/2002)
Psicologia	<i>Tecnologia cansa</i> (8/11/2000)
Química/Física	<i>A era pós-petróleo</i> (8/01/2003)

O critério utilizado para classificação das entrevistas nas respectivas áreas deu-se por três aspectos: 1) a especialidade do cientista; 2) a ocorrência de termos e expressões próprios da área em questão; e 3) a

pertinência temática, ou seja, abordagem de temas específicos da área de especialidade do cientista.

O *corpus elaborado* integra os seguintes *corpora*, retirados do *corpus* delimitado: parágrafo inicial de apresentação do entrevistado e jogo de perguntas e respostas. Três categorias descritivas serão articuladas à cena enunciativa do par pergunta/resposta: *enunciados de definição*, considerados aqueles que explicitam conceitos e definições próprios das respectivas áreas científicas; *enunciados de explicação*: utilizados logo após uma asserção e que respondem ao questionamento implícito *Por quê?*; *enunciados de exemplificação*, os quais apresentam aplicabilidade concreta das explicações e conceitos.

Com relação aos enunciados de definição, temos, essencialmente, a explicitação de conceitos e definições de termos e expressões oriundos do campo científico em que foram cunhados. A classificação de tais enunciados pressupõe basicamente duas construções sintáticas: “X é...”, “chamamos de...”.

Os enunciados de explicação se farão presentes nas respostas dos entrevistados e aparecem após uma determinada asserção que responde à pergunta anteriormente formulada, de acordo com a seguinte estruturação sintática: “X acontece...”, em que X é o fato (foco temático em questão) e “acontece” aparece, em geral, como um verbo de ação em tempo presente ou passado. O que caracterizará os enunciados de explicação, em especial, será o fato de que responderão à necessidade de *explicar* uma asserção feita anteriormente, por exemplo: “acontece por quê?”.

Os enunciados de exemplificação serão classificados como aqueles que apresentam exemplos representados por fatos que podem ser averiguados pelo leitor, uma vez que se constituem acontecimentos que ilustram os próprios enunciados de explicação. O posicionamento dos enunciados de exemplificação é, em geral, posterior aos enunciados de explicação. Por último, é preciso esclarecer que estes *corpora*, bem como as categorias descritivas vinculadas a eles, terão como meta analisar a categoria conceitual do *ethos* do cientista presente em tais entrevistas.

## 2. Parágrafo inicial das entrevistas

Aparentemente, a função do parágrafo que antecede o jogo de perguntas e respostas é apresentar ao leitor o entrevistado, definindo seu perfil acadêmico e seu nível de influência dentro de sua área de atuação. O enunciatador/jornalista destaca, de início, a função exercida pelo cientista (economista, psicólogo e químico), seguido de sua nacionalidade (inglês, americano, respectivamente). É preciso destacar a presença constante de

entrevistados estrangeiros, como integrantes do contexto de produção, dado que parece revelador da importância que se atribui à presença de um entrevistado que possua, teoricamente, respeitabilidade em outros países, em especial, aqueles desenvolvidos. Seria possível deduzir que **respeitabilidade internacional** mostra ser um traço de caráter que contribui para a construção do *ethos* do entrevistado.

Em seguida, há, geralmente, o destaque para a idade do cientista, que oscila entre 50 e 70 anos, fato que se mostra relevante, pois demonstra considerar a fala de cientistas **experientes**.

O enunciador/jornalista tece comentários acerca das prováveis qualidades do cientista:

- 1- (...) tem um currículo *extenso e eclético*(...) ( 6/11/2002)
- 2-(...) é *uma das maiores autoridades mundiais* quando o assunto é a relação entre o homem e a tecnologia(...) (08/11/2000)
- 3- (...) Rifkin é *uma espécie de consciência crítica dos poderosos a falar aos ouvidos de presidentes de grandes corporações* (...) 08/01/2003)

O enunciador/jornalista seleciona informações que corroborem a imagem de **especialista altamente qualificado**, ao explicitar a trajetória profissional do cientista em órgãos de pesquisa, aparentemente reconhecidos internacionalmente, como no fragmento 3. Nesta mesma trajetória, o jornalista pontua teses, conceitos, linhas de pesquisa e/ou diagnósticos do cientista, que fundamentam o **caráter científico** de seu parecer de especialista:

- 1- (...) Um de seus feitos mais conhecidos foi cunhar, no fim da década de 80, o termo *Consenso de Washington*, para designar um conjunto de idéias em favor da economia de mercado (...) (6/11/2002)
- 2- (...) Seu *diagnóstico* é alarmante: todos nós, sem exceção, somos vítimas de uma nova modalidade de stress, provocada pela dependência cada vez maior da tecnologia (...) (8/11/2000)
- 3- (...) Rifkin sustenta que, *depois de séculos usando os combustíveis fósseis, a humanidade começa a dar os primeiros passos da era pós-petróleo* (...) (8/01/2003)

O jornalista também destaca dados da vida pessoal do cientista, aparentemente relevantes na definição de seu perfil profissional. Tais

VELOSO, S. R. de Á. A constituição do *ethos* discursivo em gênero entrevista. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

dados parecem, de certa forma, estabelecer uma aproximação entre cientista e leitor:

1-(...) Williamson conhece bem o Brasil. Durante quatro anos lecionou na PUC do Rio (...) ( 06/11/2002)

2- (...) Casado, sem filhos, Rifkin falou a *Veja* de Washington (...)

### 3. Enunciados de definição, explicação e exemplificação

Vemos, primeiramente, que o jornalista interpela o leitor, mostrando-se ***bem informado*** e assume, desta forma, o papel de ***mediador*** entre aquele e o entrevistado, ao mobilizar informações para formular perguntas:

*Veja: O crescimento econômico da América Latina, nos últimos anos, foi baixíssimo. O Consenso de Washington falhou? (06/11/2002)*

Selecionamos os enunciados de definição, explicação e exemplificação como estratégias discursivas utilizadas para a construção das *ethé* do entrevistador e entrevistado. Foram selecionadas, duas ocorrências de cada um destes enunciados. Vejamos, em primeiro lugar, dois enunciados de definição:

A - *Veja* – Qual era o conceito original do *Consenso de Washington*?

Williamson – Era o que defendia as seguintes políticas: disciplina macroeconômica, economia de mercado e abertura comercial.

B - *Veja* – *Bipes, celulares, secretárias eletrônicas, internet, e-mails... A tecnologia foi feita para facilitar a vida das pessoas, não?*

*Rosen* – *A tecnologia é fascinante. As máquinas são rápidas e nos permitem fazer uma série de coisas até há bem pouco tempo inimagináveis. (...) Mas há um lado negro. Temos a impressão de que não podemos funcionar sem ela. Fazemos cada vez mais e mais coisas, estamos mais irritados do que nunca (...) Todas essas reações à tecnologia nos estressam. Chamamos essa tensão de tecnostress.(...)*

É possível perceber, através da articulação discursiva dos interlocutores (entrevistador e entrevistado), uma movimentação que tem em vista seu enunciatário (leitor). Em E-A ( enunciado A), colocado acima, nota-se a preocupação do enunciador em esclarecer o termo “Consenso de Washington”, em seu conceito *original*, perante o leitor. O caráter de originalidade do conceito, aliado ao estatuto de especialista do entrevistado, suscitam *credibilidade* necessária à imagem gerada por este enunciador. O próprio modo de formulação da pergunta, realizada de modo direto, com o marcador interrogativo no início, pressupõe uma resposta também direta, que contemple o teor da pergunta.

Em E-B, temos uma pergunta indireta, visto que o enunciador “esconde” uma asserção na pergunta: “a tecnologia foi feita para facilitar a vida das pessoas”. Para respondê-la, o entrevistado faz uso de um enunciado de definição, em que há a presença de um *nós* inclusivo, estratégia que cria efeito de aproximação entre o entrevistado e o co-enunciador (leitor). Tal aproximação se realiza sem que o cientista deixe de citar termos de sua área de atuação, fato que busca legitimar sua posição de especialista acadêmico. Há, desta forma, a construção de um *ethos* de *conselheiro*:

*Veja* – O que podemos fazer para evitar essas situações?

Rosen - Eu sempre sugiro que a pessoa durma com um bloco de anotações ao lado da cama (...) (08/11/2000)

O tom *didático* também aparece em *enunciados de explicação* (ver fragmento abaixo), no momento em que o entrevistado faz uma afirmação genérica (destacada no início de sua fala), a qual requer uma explicação mais detalhada. Há uma pergunta implícita na própria asserção (Quais são estes dois futuros possíveis?):

*Veja* – O senhor escreveu que estamos vivendo agora a encruzilhada decisiva do futuro do planeta. O que isso significa?

Rifkin – *Há dois futuros possíveis*. Um positivo que contará com a exploração de fontes de energia renováveis e com um novo regime energético baseado no hidrogênio. O segundo cenário é bastante negativo (...) (08/01/2003)

Os *enunciados de exemplificação* mostram-se balizados por uma corporalidade que joga com o possível universo discursivo do co-enunciador:

VELOSO, S. R. de Á. A constituição do *ethos* discursivo em gênero entrevista. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

*Veja* – Com o fim do petróleo?

Rifkin – Hoje, toda a economia mundial está baseada no uso de combustíveis fósseis, ou seja, basicamente de petróleo, gás e carvão. Nossa comida é fruto disso. Os petroquímicos são usados em fertilizantes e pesticidas (...)

As explicações parecem ganhar sustentação por meio de fatos, o que reveste de autoridade o discurso do entrevistado, uma vez que o que está em jogo não é apenas o que se diz, mas o que se pode provar.

### 3. Considerações finais

Enunciados de definição, explicação e exemplificação, bem como o parágrafo inicial das entrevistas, constituem estratégias discursivas construídas pelo enunciatário/cientista com o intuito de divulgar o saber científico a um enunciatário leigo. Para construí-los, entrevistador e entrevistado fazem uso de recursos lingüísticos que permitem uma aproximação com o leitor, sem que deixe de fazer uso de termos específicos das áreas, fato que legitima a voz da ciência.

O uso do *nós* inclusivo se constitui uma estratégia de aproximação e que permite mobilizar a memória discursiva do referido leitor. No momento em que o gênero analisado (entrevista impressa em “Páginas Amarelas”) se constitui *no* e *pelo* campo jornalístico, em especial no segmento da imprensa chamada de “referência”, como é o caso de *Veja*, concluímos que as coerções próprias deste campo geram efeitos de sentido como verdade e realidade.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M./VOLOCHINO, V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, (1929/2004)
- DUCROT, O *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes (1987)
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Trad. Freda Indursky. Campinas: Editora da Unicamp (1987/1997).
- \_\_\_\_\_. *L'analyse du discours*. Paris: Hachette, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Ethos, cenografia e incorporação* In AMOSSY, R. (org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. Dilson

VELOSO, S. R. de Á. A constituição do *ethos* discursivo em gênero entrevista. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Editora Contexto, 2005.